

TIC NO ENSINO DE LINGUA(GEM): algumas proposições teóricas e práticas

Fabrizia Lúcia da Costa Coelho
Mestre em Linguística Aplicada pela UNB
fabrizia_costa@hotmail.com

Sandra Jardim de Menezes Ferreira
Mestranda pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e
Tecnologia pela UEG
sandrajmeneses@gmail.com

Neide aparecida Campos Arataque
Especialista em Ensino de Literatura pela UEG
nc.arataque@hotmail.com

RESUMO: Este artigo busca reunir trabalhos voltados ao ensino e aprendizagem de língua(gem) mediados pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Objetivamos discutir conceitos básicos referentes ao assunto em educação e problematizar alguns eventos em que tais práticas podem ser inseridas para fins de uma aprendizagem colaborativa e autônoma. Desse modo, comporá nossa exposição os seguintes temas: o papel do professor e do aluno no processo de ensino e aprendizagem, práticas acadêmicas mediadas por tecnologias, efeitos das novas tecnologias na linguagem. Com vistas à reflexão sobre os inúmeros assuntos componentes desse processo, exporemos teorizações dos seguintes autores (KENSKI, 2008, 2015; COSCARELLI E RIBEIRO, 2005; SOARES, 2002). A proposta de assunto desse artigo foi desenvolvida em um minicurso na XIII Semana Acadêmica do Curso de Letras da UEG, Campus de Itapuranga, direcionado a graduandos e pós-graduandos com o intuito de despertar competências críticas e pensar práticas variadas e contextualizadas em que as TIC medeiam os mais variados contextos de ensino e aprendizagem. Como sugestões práticas, apresentaremos pesquisas em língua(gem) realizadas sobre o assunto (OLIVEIRA, H, F; COSTA-COELHO, 2013; COSTA, 2009; LARCHER; VERONESE, 2014).

Palavras-chave: TIC. Língua(gem). Teoria e prática

ABSTRACT: This article aims to bring together studies related to teaching and learning language mediated by the Information and Communication Technologies (ICT). This paper discusses basic concepts related to the subject in education and discuss some events in which such practices can be inserted for the purpose of a collaborative and autonomous learning. Thus, compose our exposure the following topics: the role of the teacher and the student in the teaching and learning mediated by the new technologies of information and communication, academic practices mediated by technology, effects of new technologies in language. In order to reflect on the many issues components of this process, we will expose theorizing of the following authors (KENSKI, 2008, 2015; COSCARELLI&RIBEIRO, 2005; SOARES, 2002). The subject purpose of this article was developed in an event called Academic Week of the Letters Course of UEG (State University of Goiás), Campus of Itapuranga, for an audience composed by undergraduate and graduate students in order to arouse critical skills and think different practices and contextualized in ICT mediate the various contexts of teaching and learning. As practical suggestions, we will present research on language held on the subject (OLIVEIRA, H, F; COSTA COELHO, 2013; COSTA, 2009; LARCHER, VERONESE, 2014).

Keywords: ICT. Language. Theory and practice

Building the way

Introdução

Com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação (doravante TIC) nos espaços escolares, na condição de professores de línguas (materna e estrangeiras), torna-se relevante (re) pensar a prática docente a partir da implementação de novas abordagens e usos desses variados recursos disponíveis e que nos são proporcionados com vistas a auxiliar a dimensão do ensino com foco na construção de conhecimentos linguísticos, sociais e culturais. Nesse sentido, observar a existência de artefatos que possam auxiliar a prática docente, de modo a combiná-los com outras ferramentas utilizadas no ensino, pode ser uma tarefa interessante para que eles possam ser aderidos pelo professor em sua abordagem de ensinar.

Sabemos que, conectado à internet, o computador pode ser utilizado para diversos propósitos e ter como consequência a aprendizagem (TEODORO, 1992). Para tanto, é imperativo que o professor, ao instaurar a aplicação da nova TIC como um recurso pedagógico, observe o papel de mediação a que deverá se submeter, a fim de estabelecer metodologias eficazes e inerentes a esse procedimento ao utilizar a ferramenta tecnológica. É relevante, também, o planejamento sobre as possíveis relações da tecnologia adotada no ensino, considerando a realidade e o contexto no qual os alunos estão inseridos. E, por fim, a visão ampliada sobre estratégias de uso do artefato tecnológico oportunizando possibilidades de aprendizagem, interação e construção do conhecimento colaborativo (FONTES, 2002).

Sob tais perspectivas, o presente artigo visa a discutir conceitos úteis ao aluno da Licenciatura sobre as TIC em educação e, também, trazer a tona alguns estudos em que houve a mediação das TIC no processo de ensino e aprendizagem de língua(gem), caracterizado como colaborativo e autônomo. Em seguida, queremos compreender a abrangência e a relevância na problematização de práticas em sala de aula em que a tecnologia está presente de forma direta e indireta.

Letramento digital e ensino aprendizagem de língua(gem) mediado pelas TIC

As TIC são a nova realidade na área educacional, pois ambientes virtuais estão cada vez mais próximos de alunos e professores. Quando o professor faz uso desses recursos tecnológicos poderá trazer propostas desafiadoras de ensino dentro da sala de aula e/ou à distância.

Kenski (2008) afirma que o professor tem um “duplo desafio da educação: adaptar-se aos avanços das tecnologias e orientar o caminho de todos para o domínio e apropriação

Building the way

crítica desses novos meios”. Isso significa que não basta ter domínio técnico em relação às novas tecnologias, é preciso buscar construir junto com os alunos uma consciência crítica e reflexiva sobre o seu uso.

Outro ponto a ser destacado diz respeito ao fato de que a interação do professor e aluno se (re) configura e o professor passa a deter o papel de mediador, que de acordo com Chiovatto (2000, p. 04) “não só apresenta um determinado conteúdo, mas estimula seu valor significativo, ajustando-o a cada turma, “tramando”, com eles, respostas produtivas e significantes”. O professor mediador provoca a curiosidade dos seus alunos, os levam a pensar, refletir e a chegar a uma conclusão sem imposição de respostas certas, concluídas e fechadas.

A transmissão do conhecimento começa a ser questionada após o período em que as tecnologias começam a marcar presença nas salas de aulas e os alunos passam a ter acesso a informações em tempo real e com facilidade, produzindo uma nova era de conhecimento. E, diante dessa realidade, queremos enfatizar a autonomia do aluno frente ao acesso livre a tantas informações, fato que ressignifica métodos e metodologias usadas na salas de aulas, onde o transmissor não encontra mais espaço e o mediador consegue articular conteúdos tornando-os significativos aos seus alunos, pois corroboramos que “mediar é estar entre, no meio, o que poderia ser entendido como uma barreira, afastando pólos, colocando-os em extremos opostos - incomunicáveis, inconciliáveis”. (CHIOVATTO, 2000, p.07).

Outro assunto de relevância dentro desse contexto da utilização pedagógica mediada pelas tecnologias de informação e comunicação é o letramento digital. De acordo com Coscarelli e Ribeiro (2005, p.9), “[...] o letramento digital é o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a leitura e a escrita também em ambiente digital”. Dessa forma, podemos conceituar o letramento digital como várias formas de conhecimento que propicia os indivíduos a participarem das práticas letradas mediadas pelos computadores e a utilização da internet.

Soares (2002) fala que há muitos letramentos, e que cada um deles tem diferentes concepções a partir do contexto em que se materializam o termo Letramento digital é usado para fazer referência à questão das práticas de leitura/escrita facilitadas pelo computador e Internet. Sobre letramento digital, Buzato (2006) também escreve que:

Letramentos digitais (LDs) são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, entrelaçam e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente. (p. 16).

Building the way

Dessa forma, o letramento digital é compreendido como um conjunto de competências que o indivíduo precisa entender para usar a informação de maneira crítica e estratégica, de várias formas, vindas de múltiplas fontes e apresentadas por meio do computador-internet, sendo capaz de atingir seus objetivos diante da sociedade e interagir de múltiplas formas com o mundo.

Então, cabe ao professor “o papel de se adaptar às exigências e mudanças desta sociedade que são tecnológicas e economicamente inevitáveis. Relativamente à atitude dos professores perante as tecnologias da informação”. (JORGE, 2008, p.21) O avanço tecnológico é diário e conquista o espaço em fração de segundos, o professor está frente ao desafio de suas práticas pedagógicas às tecnologias, “não se intimidando por esse processo já que (...) a fluência vem com a utilização” (PAPERT, 1997, p. 54).

As novas tecnologias em sala de aula exercem papel fundamental no processo ensino/aprendizagem. Primeiro, é preciso perceber que os recursos tecnológicos são mutáveis. Assim, o professor precisa ter *formação adequada* para desenvolver as habilidades do sujeito envolvido no processo de ensino/aprendizagem, para que os alunos tenham capacidade de enfrentar os desafios da tecnologia que fascina uns e apavora outros (NETO, 2006).

Em segundo lugar, é necessário entender que para utilizar as novas tecnologias, precisamos *transformar* ou *mudar nossas práticas educativas*, caso contrário, estaremos apenas apresentando uma fachada de modernidade, remodelando o velho em novos artefatos (CORRÊA, 2006). O terceiro fator é que o educador deve saber *que meio tecnológico usar* em sua prática de ensino visando a adequar o conteúdo com a realidade cognitiva do aluno (HAYDT, 2009).

As tecnologias, principalmente a internet, adentram as salas de aula como uma ferramenta na mediação do processo de conhecimento. A internet enquanto ferramentas pedagógicas, quando bem utilizadas, poderão oferecer maior subsídio para uma nova postura na ação docente. Neste aspecto, entende-se que os professores são sujeitos dos saberes e mediadores de toda ação pedagógica que ocorre no interior da escola, por essa razão, necessitam de apropriar das novas tecnologias não apenas para motivar os alunos, mas para compreender o processo ativo e dinâmico que ocorre nessa interação entre o homem e a máquina. A internet consegue fazer uma ponte entre a escola, os alunos, os pais e toda comunidade, além de proporcionar um acesso mais rápido a notícias científicas e educacionais atualizadas que podem ser utilizadas em sala de aula.

Building the way

O uso das diferentes mídias no processo de ensino-aprendizagem merece ser estudado, uma vez que, além das antigas tecnologias, se podemos chamar assim o quadro negro, o giz e o livro didático, cada vez mais há um movimento de incorporação das diversas novas mídias no processo de ensino-aprendizagem, sendo utilizadas como materiais de trabalho com o objetivo de formar alunos cada vez mais criativos, críticos e, sobretudo, ativos perante essa sociedade cada vez mais tecnológica.

Tomando como perspectiva o posicionamento dos professores e alunos em relação ao uso das mídias no processo de ensino-aprendizagem, tem-se a importância na criação de mecanismos para a integração dessas mídias na educação de forma que evite o deslumbramento ou uso indiscriminado tanto por parte do professor como do aluno, onde fica evidente a necessidade de domínio por ambos.

A integração das tecnologias ao processo do ensino, tendo em vista a potencialidade desses recursos, pode viabilizar uma aprendizagem mais significativa, ou seja, aquela que tenha sentido para o aprendiz e que a partir da mesma, o aprendiz possa ligar o mundo em que o cerca com os conhecimentos adquiridos. Introduzidas estão também as decisões sobre teorias de aprendizagem, incluindo as noções da aprendizagem colaborativa, e a escolhas de recursos tecnológicos mais adequados ao desenvolvimento da aprendizagem. De acordo com, Michael Tardy (1976, p.26) apud Sampaio e Leite (1999, p.9):

De um ponto de vista cultural e pedagógico, a existência dos meios audiovisuais de comunicação de massa cria uma situação totalmente inédita. É preciso que se diga que sua situação é eminentemente incômoda. [...] Os alunos têm um conhecimento das mensagens visuais e uma familiaridade no que respeita a elas que os adultos não possuem. Além do mais, a nova geração nasceu num universo inativo pela imagem: esta sempre fez parte de seu horizonte cultural. Em contrapartida, os adultos que desejam interessar-se seriamente pelas imagens são obrigados a fazer uma verdadeira conversão mental e vivem dolorosamente um processo laborioso de aculturação. Os alunos já pertencem a uma civilização icônica, enquanto os professores pertencem a uma civilização pré-icônica. Daí uma história sem precedentes na história da pedagogia: os professores precisam, senão ultrapassar, pelo menos alcançar seus alunos.

Corroborando Tardy (1976), a inclusão das novas tecnologias como material de apoio e incentivo nas aulas deve ser imediata, essa inserção já deveria ter acontecido, mas como ainda não foi, de modo geral, existe uma urgência de mais estudos e sugestões de aulas e preparação de professores para aproximar o mundo do aluno com o mundo do professor.

Vivemos em uma sociedade de aprendizes digitais, que podem ser nativos ou não, assim: “Os nativos digitais são pessoas nascidas na década de 1980, os jovens de hoje em dia que sempre tiveram contato com a tecnologia” (TOSCHI, 2010, p.8), logo os

Building the way

nativos digitais são capazes de fazer várias coisas ao mesmo tempo (ouvir musica, assistir vídeo, fazer algumas pesquisas na internet, manter comunicação através de Chats) e os nativos digitais têm suas características próprias, como linguagem, leitura e comportamento.

Os autores confirmam a necessidade de formação complementar e específica que o professor precisa, já que está vivendo em um mundo com novos desafios que são diferentes dos desafios que tinham durante sua formação inicial. Hoje, com tantas inovações tecnológicas que afetam a sociedade diretamente, o professor precisa acompanhar tais transformações, entender melhor seus processos, estar atentos para evitar viver num mundo diferente do seu aluno.

Sampaio e Leite (1999) designam uma responsabilidade ao professor que vive nessa sociedade tecnológica. Podemos inferir, assim, que usar tecnologia na aula como material de apoio é inovar, refletir, produzir conhecimento, proporcionar a troca entre aluno/aluno, aluno/professor e professor/aluno. Mas é preciso ficar atentos, pois na opinião de Karling (1991, p. 254), “não podemos esquecer que, por melhores que sejam os recursos, se o professor não os utilizar com habilidade e criatividade, pouco valor terão”. Mesmo com tantos materiais de apoio disponibilizados pelas novas tecnologias, o planejamento do professor se torna indispensável.

Revisitando pesquisas educacionais mediadas pelas TIC

Em princípio, dois estudos nos chamam a atenção para uma rápida consideração aqui. Uma razão para isso se dá pelo fato de terem sido estudos realizados em nosso contexto, em duas escolas de ensino médio (uma de ensino público e outra, privado), em nossa cidade do interior do estado de Goiás. Outro fato contundente diz respeito ao crédito de ineditismo e aos resultados satisfatórios dos trabalhos (OLIVEIRA; COSTA-COELHO, 2013; COSTA, 2009; LARCHER; VERONESE, 2014) em que se imbricam inovação, ousadia e transformação estampados nas experiências compartilhadas no transcorrer dessas empreitadas.

A primeira pesquisa (OLIVEIRA; COSTA-COELHO, 2013), intitulada *Uma experiência com sala de bate-papo (chat) no ensino de língua estrangeira na escola pública* trata-se de um artigo publicado pela Revistas Horizontes da Universidade de Brasília (UnB). Nela temos o desenvolvimento de aulas no Laboratório de Informática da escola através de um chat aleatório “Omegle” em que é possível o aluno se conectar a outras pessoas do mundo inteiro e interagir em uma língua estrangeira. A pesquisa se deu em um total de cinco aulas de inglês, em uma turma de primeiro ano de ensino médio de um colégio estadual público da cidade. Ao todo, foram participantes 21 alunos, os quais receberam pseudônimos como forma

Building the way

de preservar a identidade. Como instrumentos de pesquisa, foram utilizados os *corpora*, diálogos virtuais dos alunos com os estrangeiros, coletados entre os dias 25 de abril e 09 de maio de 2011 e, em seguida, selecionados os recortes que continham maior número de participação, de informação e de interação dos participantes com seus contatos.

Uma das grandes surpresas, ao longo da pesquisa, conforme os autores pontuam, foi perceber a diversidade de informações que os alunos obtiveram por meio da troca de diálogos, bem como a demonstração de autonomia ao usar a língua alvo. Durante as aulas marcadas para esse propósito, tornou-se nítido, talvez por ser a primeira experiência desses alunos nesse caminho, o desejo de construir conhecimento linguístico manejando a própria língua a ser aprendida. A maioria das opiniões relacionadas ao uso da nova tecnologia foi positiva, de acordo com o questionário aplicado.

Em relação aos desafios apontados pelos alunos ao utilizar a ferramenta tecnológica, a maioria considera que a tarefa foi fácil. Nesse sentido, de acordo com as observações de aulas, foi possível verificar que a experiência rendeu-lhes oportunidade de ampliar vocabulário em LE (inglês), de pensar mais diretamente no idioma, de adequar-se ao contexto, no caso, ao uso comum de abreviações previstas na linguagem rápida virtual. Por outro lado, alguns alunos relataram indícios de dificuldade relativos à necessidade de “traduzir com rapidez”, à “limitação de vocabulário” e à “baixa velocidade da internet”.

Durante as observações, foi possível detectar um grupo de 21 alunos conectados em rede tendo que responder instantaneamente ao “outro”, de outro lado da tela, fato que rendeu um trabalho bastante intenso por parte da professora que mediava as atividades durante as interações em tempo real. Ademais, muitos usaram o tradutor *Google* para auxiliá-los quando não entendiam uma palavra, outros recorriam aos próprios colegas do lado, e até mesmo tentavam negociar significados em língua com o estrangeiro buscando se comunicarem efetivamente.

De fato houve interessantes usos reais da língua durante a experiência efetivada em aulas de LE (inglês), em que a estrutura e o sistema linguístico ficaram subordinados ao uso, à troca de informações como instrumento de interação entre interlocutores reais. O benefício de uma proposta funcional e comunicativa de ensino de línguas, de acordo com Pritchard (2007), é que os erros gramaticais são postos em segundo plano, pois não são eles os determinantes na comunicação, na combinação de sentidos estabelecidos. Essa experiência de compreender a cultura do outro se somou à formação do aluno e também passou a ser um diferencial e uma

Building the way

motivação própria e implícita, empregando, é claro, a língua-alvo, na atividade, conforme podemos observar no diálogo entre Roberto e o estrangeiro:

[3]
Stranger: the only thing i know about brazil is that you guys are very good at football
Stranger: 17
You: and are even only in football
You: ta weak economy
Stranger: i don't know, it's a kind of sterotype
You: you play football
Stranger: nope..
Stranger: i prefer swimming
Stranger: what about you
You: I play soccer every day
You: sao paulo
Stranger: then you must be very good at it
You: Sao paulo soccer club... [...]
(OLIVEIRA, COSTA-COELHO, 2013, p. 71)

No diálogo acima, o falante estrangeiro, no seu turno, manifesta um estereótipo muito comum acerca do Brasil que é o profissionalismo no futebol. Roberto, de imediato, procura responder que essa marca se dá no âmbito apenas do esporte, reforçando o estereótipo. O participante incrementa que, na economia, nosso país é fraco: “*ta weak economy*”. A conversa flui de maneira tranquila, eles conversam sobre algo do cotidiano deles, Roberto menciona que gosta de futebol e confessa já ser um “profissional” da modalidade, enquanto seu interlocutor diz não saber jogar futebol, preferindo natação.

Outro detalhe interessante que se nota em três turnos de fala é que os interlocutores usam o termo *football* – futebol americano, para construir o significado desejado, sem perceber o termo exato ao qual poderia designar o futebol da cultura brasileira, mas, também, sem prejuízo na comunicação. Depois, mais no fim da conversa sobre *hobbies*, em que há troca de informações baseadas na negociação e cooperação entre os pares, Roberto declara que “*I play soccer*” (Eu jogo futebol), sustentando a ideia do desporto mais popular do Brasil e declarando ao estrangeiro a modalidade a que se referiu.

A experiência de uso do *chat Omegle* evidencia a importância de utilizar o computador e a internet como recursos em sala de aula de LE (inglês). São ferramentas interessantes das quais o aluno pode fazer uso e, com isso, aprender um novo idioma em ambientes virtuais. No caso deste experimento, os alunos puderam conversar em poucos minutos com um chinês e, depois, com um australiano, sem saírem do lugar. O *chat* funcionou como uma ferramenta eficaz no processo de aprendizagem em LE (inglês), propiciando aos

Building the way

usuários uma oportunidade de interagir com uma pessoa do “outro lado” do mundo, explorando nessa construção a própria linguagem.

A segunda pesquisa mencionada (COSTA, 2009) trata-se de um experimento didático desenvolvida em uma turma de 1º ano do ensino médio, pertencente ao contexto privado da rede ensino, na cidade de Itapuranga. O estudo desenvolveu-se a partir da exploração dos recursos tecnológicos para uma proposta de aquisição de língua inglesa que seja mais real, contextualizada, interessante e funcional, que transcenda aquilo que é apenas exposto como fato imaginário no livro didático.

Em termos funcionalistas, a estrutura, a gramática e a forma da língua não são tidas como anteriores ao seu uso. Saussure (1977, apud PEZZATI, 2004 p. 15) salienta que “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista (...) é o ponto de vista que cria o objeto”. Isso significa que antes de entender o que é ensinado como língua, a sua estrutura, há que se considerar como foco primordial a sua função, sua contextualização, suas condições de produção, sua interatividade com o interlocutor real.

Para a composição do experimento didático, foram selecionados dois capítulos do livro didático da turma pesquisada. O livro é o *Keys*, volume único para o Ensino Médio. As duas Unidades selecionados têm como títulos *Health* (Unit 1) e *The six million megawatt smile* (Unit 3). A partir das referências e exigências de conteúdo foram desenvolvidas as atividades. Os eixos temáticos desses dois capítulos eram “celebridades” e “alimentação”. Delimitados os tópicos de ensino, iniciaram-se os trabalhos entre os alunos no Laboratório de Informática do Colégio. A primeira tarefa trabalhada foi uma pesquisa em grupo de 3 ou 4 alunos sobre uma celebridade cantor, ator, etc) deles. Para isso, acessariam sites ingleses em busca de informações sobre a vida pessoal e carreira da pessoa famosa e comporiam uma *slide presentation* que, posteriormente, incorporariam ao blog criado pelo grupo.

As atividades foram desenvolvidas a fim de tornar mais significativa a aprendizagem da língua inglesa. No decorrer das ações, os alunos se sentiam motivados em desenvolver pesquisas e apresentarem dados que realmente tinham interesse em compartilhar. Além disso, trabalhavam mediados pelas TIC: tiveram que criar uma apresentação em *power point*, criar um Blog para a postagem de todas as tarefas que desenvolviam a partir do eixo temático sugerido pelo material didático adotado pela escola. Paralelo a isso, a professora que desenvolvia o projeto obteve a ajuda a professora de produção de texto para que trabalhasse com a turma uma composição sobre o mundo da fama. Os textos produzidos pelos alunos também foram postados nos blogs.

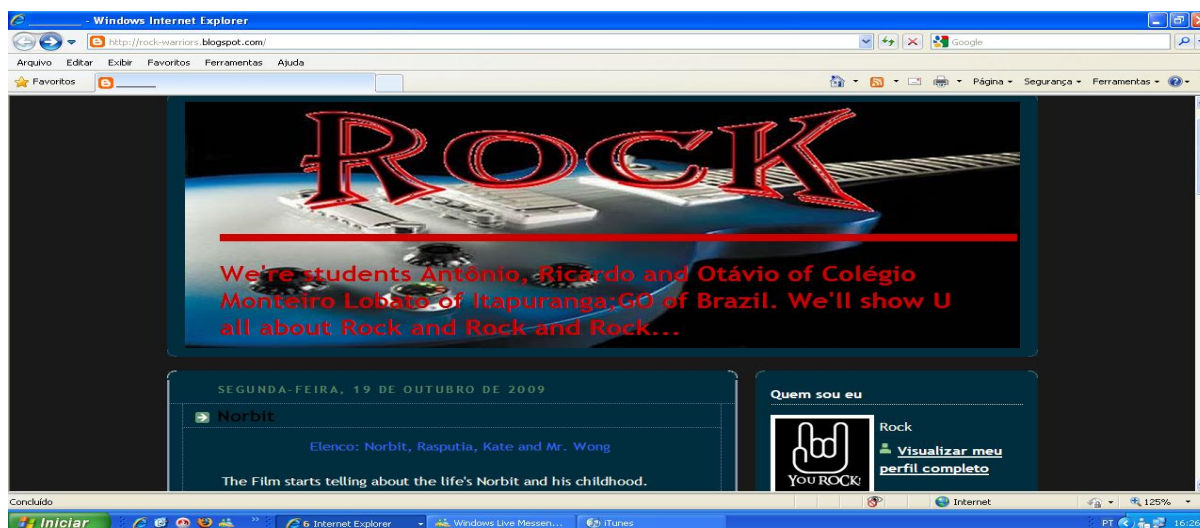
Building the way

A segunda proposta de atividades seguindo o eixo temático da unidade de ensino do livro era sobre alimentação. Na unidade, assim como a anterior, dava-se prioridade ao ensino gramatical e de vocabulário. Essa sequência, obviamente, foi invertida pela professora pesquisadora (PP), uma vez que a proposta de ensino visava uma apropriação funcional do uso da língua. Então, nessa segunda proposta de trabalho era gravar em vídeo uma receita de algo que gostavam, em grupos tal como a primeira proposta. A atividade foi desenvolvida em casa e os alunos compartilharam os vídeos na semana seguinte e, após, incorporaram aos blogs criados por eles.

As atividades foram avaliadas pelos alunos como muito proveitosas, pois se sentiam envolvidos com as práticas em língua inglesa mediadas pelas tecnologias de suporte. Durante a busca e até nas apresentações, a referência à gramática e à fonética da língua foram exploradas em seus aspectos funcionais, ou seja, foi explicado o porquê de se utilizar discursivamente um determinado elemento linguístico e não outro, de modo a evitar equívoco ou mal entendido.

Eles fizeram a busca, maneжaram o *power point*, o *blog*, postaram o vídeo no *youtube* (uns com mais facilidade, outros com menos), e contaram com a ajuda dos colegas do grupo. Observei que apenas alguns alunos reclamavam sobre o inglês, dizendo que nunca tinham estudado seriamente a língua inglesa para conseguir executar tal tipo de tarefa, outros nunca tinham acessado um *site* para esse fim, mas a maioria deles conhecia muito bem o *orkut* e o *msn*.

Segue um blog produzido pelos alunos, conforme exposto em Costa (2009):



Blog: <http://www.rock-warriors.blogspot.com/>

Esse experimento didático demonstrou a eficácia de uma proposta de ensino e aprendizagem de língua estrangeira que leva em conta a real necessidade e interesse do grupo e a utilização de materiais autênticos, sem objetivo meramente didático para a sala de aula.

Building the way

Outra pesquisa que, a nosso ver, merece atenção nesse trabalho enfatiza a importância do letramento digital desde as séries iniciais. Larcher e Veronese (2014) fizeram planejamentos para trabalhar contos literários de 1ª a 3ª ano e o gênero e-mail no 4º e 5º ano. Segundo as autoras, a relação entre a linguagem digital e as linguagens que usamos dentro e fora da escola possibilita novas abordagens do objeto de ensino e, em decorrência, novas aprendizagens (LARCHER E VERONESE, 2014). Os planejamentos pretendem não somente incluir o aluno digitalmente, mas conduzi-lo a um letramento digital que é mais do que dar acesso às tecnologias. O letramento digital pode ser um instrumento de libertação e de autonomia aproximando as pessoas e dando novas possibilidades, mas também pode ser o seu inverso. O que se chama inclusão se torna em exclusão quando afasta e separa os alunos que não tem acesso a esses meios e, isso, acaba por legitimar as desigualdades sociais.

No primeiro planejamento acerca dos contos literários, como em todos os gêneros textuais faz-se primeiro um levantamento prévio do conhecimento das crianças sobre o tema. Em seguida, se apresenta o gênero contos clássicos e nesse momento é preciso esclarecer sua estrutura composicional (situação inicial, conflito e resolução). As autoras sugerem então que se leia um conto em sala de aula, ainda sem a intervenção de recursos tecnológicos. Depois disso é necessário levar as crianças ao laboratório para enfim conhecer alguns acervos digitais. A partir desse momento, faz-se necessário iniciar o aluno no contexto digital para que possam em casa usar esses mesmos acervos, ler outros contos para serem comentados em aulas posteriores. Segundo as autoras, o letramento digital exige a habilidade de construir sentido a partir de textos multimodais, que mesclam palavras, elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície, além da capacidade de localizar, filtrar e avaliar criticamente informações disponibilizadas nos meios tecnológicos (LARCHER E VERONESE, 2014).

Um dos acervos escolhidos aqui foi www.planonacionaldeleitura.gov.pt/bibliotecadigital que é uma página completamente multimodal trabalhando ao mesmo tempo com o texto visual, os sons e elementos pictóricos o que é muito importante, já que segundo Kenski (2008), as possibilidades de convergência digital (som, imagem e dados textuais) se ampliaram para a integração, o acesso e uso das mais diferenciadas mídias no mesmo espaço virtual, o ciberespaço. Pretende-se que o aluno seja, então, dependendo do ano, capaz de relatar em seu caderno situações iniciais, os conflitos e as resoluções dos contos lidos bem como o link para acessá-las. Junto a isso é possível perceber que o aluno foi inserido no mundo da leitura e durante o processo aprendeu a digitar, buscar por endereços virtuais e em quais ícones clicar dentro dessas home pages.

Building the way

No segundo planejamento, as autoras se voltaram para o gênero e-mail. Elas notaram que mesmo tendo acesso desde cedo a *tablets* e outros recursos tecnológicos, poucos alunos estavam familiarizados com e-mails. Um procedimento de levantamento de conhecimentos prévios sobre o gênero foi feito e os alunos foram levados ao laboratório de informática da escola. Lá, a professora cria um e-mail fictício e a partir dele explora os recursos e os caminhos para o uso eficiente dessa ferramenta. Em seguida, cada um dos alunos assessorado pelo professor cria um e-mail.

Nesse momento todos recebem e enviam e-mail uns aos outros. Em aulas posteriores é importante verificar se ficou alguma dúvida sobre a utilização de e-mails e ainda continuar usando e-mails como forma de contato para atividades relacionadas a aula, assim como incentivar o aluno que o e-mail pode ser usado até para atividades divertidas, para cadastrar-se em sites de jogos, etc.

Nos dois casos, o letramento digital é trabalhado em consonância com os gêneros textuais que seriam ensinados fazendo das tecnologias ferramentas de aprendizagem para a formação de leitores e escritores capazes de agir, pensar e refletir com maior destreza dentro da demanda social de sua época. (LARCHER E VERONESE, 2014)

Pensando assim, temos que ter em mente que o resultado que buscamos é um aluno autônomo e para que isso seja possível é necessário que o professor, desde a sua formação entre em contato com situações que o levem a essa autonomia.

Para Araújo e Glotz, (2009. A formação dos professores, tanto em seu caráter inicial como a formação continuada, necessita ser repensada de forma a contemplar esse uso das TICs em suas atividades de ensino, de forma que esse uso seja realmente pensado, organizado e realizado tendo em vista as necessidades formativas apresentadas pela *geração net*. E um fato que o uso das TIC por si não levam um aluno a autonomia, mas o fato de saber como utilizar todos os aparatos que lhe possibilitam o acesso a muitas informações e a capacidade de filtrar e organizar essas informações podem guiar o aluno no caminho desta autonomia.

Considerações Finais

Podemos verificar que as pesquisas revisitadas para discutir alguns conceitos dentro da pesquisa educacional mediada pelas TIC se caracterizam por uma mudança de paradigmas tradicionais em que a função docente torna-se da mediação do processo de ensino aprendizagem. Tais experiências oportunizaram atividades de uso real, concreto e social da

Building the way

linguagem, em situações efetivas. Com isso, boa parte dos alunos ficou imersa num ambiente em que era possível interagir de maneira independente e eficaz, garantindo o próprio investimento na tarefa.

Além disso, são atividades que demonstraram aos alunos um desafio à observação, ao investimento e participação. Assim, foi possível notar que nas pesquisas, a maioria dos alunos deram indícios claros de investimento na tarefa de modo autônomo, fato que propiciou a busca por soluções práticas, fato que sustenta a ideia de que o ensino precisa ser significativo para o aluno, pois o convida a ser autor do seu próprio processo de ensino. Com isso, houve a reconfiguração da abordagem de ensinar, sem desconsiderar o importante papel do professor que se caracteriza descentralizado, de mediador e facilitador no processo de ensino, e alunos mais independentes e ativos com a experiência.

Os *chats*, os *blogs*, o *e-mail* podem ser ferramentas educativas eficazes uma vez que promovem a interação verbal e visual, possibilitam a aprendizagem colaborativa e estão acessíveis de igual modo a vários grupos etários e fases de desenvolvimento educativo (HUFFAKER, 2005, p.88).

É importante a consideração de que todas essas possibilidades integram o aluno no universo da linguagem que o propiciará maior acesso ao conhecimento. Sendo assim, as tecnologias cooperam para esse processo de modo que o aluno sinta-se mais motivado e interessado em ser inserido nessas atividades, o que resultará no seu crescimento e sucesso.

Lembrando sempre que, para fazer uso de qualquer equipamento ou ferramenta tecnológica, cabe ao professor mediador, reflexão e conhecimento prático sobre o recurso.

Referências

ARAÚJO, V. D. L.; GLOTZ, Raquel Elza Oliveira. O Letramento digital enquanto instrumento de inclusão social e democratização do conhecimento: desafios atuais. **Paidéi@Santos**, v. 2, p. 1-26, 2009.

BUZATO, M. *Letramentos Digitais e formação de professores*. São Paulo: Portal Educare. 2006. Disponível em: <http://www.educarede.org.br/educa/img_conteudo/marcelobuzato.pdf>. Acesso em: 11 de Outubro de 2013.

CORRÊA, J. Novas tecnologias da informação e da comunicação; novas estratégias de ensino/aprendizagem. In: COSCARELLI, C. V (Org). *Novas Tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Building the way

COSTA, F. L. da. *A dimensão funcional no ensino de línguas e o uso de tecnologias: um experimento didático*. 34 f. Monografia (Especialização em Linguística Aplicada) Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia: 2009.

COSCARELLI, C. V.de: RIBEIRO, A. E. de: (Org.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte- MG: CEALE/UFMG, 2005. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/pt/arquivos/sielp2012/441.pdf>>. Acesso em: 12 de Setembro de 2013.

CHIOVATTO, Milene. *O Professor Mediador*. Artigo extraído do Boletim Arte na Escola, nº 24. Fundação Iochpe. Porto Alegre, Out/Nov, 2000. Disponível em: http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=13. Acesso em: 15 de setembro de 2009.

FONTES, Maria do Carmo M.. *Aprendizagem de inglês via internet: descobrindo as potencialidades do meio digital*. 2002. 217 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

HAYDT, R. C. C. *Curso de Didática Geral*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2009.

HUFFAKER, D. (2005). *Let them blog: using Weblogs to advance literacy in the K-12 classroom*. [online]; disponível em: <http://www.soc.northwestern.edu/grastudents/huffaker/papers/Huffaker2005_LetThemBlog.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2008.

JORGE, B. E. da C. *Necessidades de formação contínua dos professores de uma escola secundária na utilização pedagógica das tecnologias de informação e comunicação*. Dissertação, Universidade de Lisboa Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 2008.

KARLING, A.A. *A didáctica necessária*. São Paulo: Ibrasa, 1991.

KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 2008.

LARCHER, Laísa; VERONESE, Isabele. *Letramento digital. Ensino Fundamental*, Editora Escala, n. 116, março de 2014.

NETO, H. T. M. A tecnologia da informação na escola. In: *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

OLIVEIRA, H. F; COSTA-COELHO, F. L. da. *Uma experiência com sala de bate-papo (chat) no ensino de língua estrangeira na escola pública*. Revista Horizontes de Linguística Aplicada. v. 11. 2013

PAPERT, S. A família em rede: ultrapassando a barreira digital entre gerações. Título original: *The Connected Family: bridging the digital generation gap*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.

PEZZATI, E. G. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A (Orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2004.

Building the way

PRITCHARD, Alan. *Effective teaching with internet technologies*. London: SAGE Publications Company, 2007.

SAMPAIO, M. N e LEITE, L.S. *Alfabetização tecnológica do professor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. In: _____ *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 23, n. 81, p.143-160, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2013.

_____, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TEODORO, Victor D. Educação e computadores. In: _____. ; FREITAS, José C. (Org.). *Educação e computadores*. Lisboa: GEP/ME, 1992.

TOSCHI, Mirza. *Leitura na tela – da mesmice à inovação*. Goiânia: Editora da PUC-Goiás, 2010.